

“Porque a gente gosta do que faz e faz bem feito”: identidades femininas estampadas em uma agenda de bonequinha e o orgulho do ser mulher por entre práticas criminosas¹

"Why we like what we do and do it well": feminine identities in a hidden agenda of little dolls and the pride of being a woman of criminal practices

Luciana Ribeiro de OLIVEIRA²

Resumo: Este artigo trata especificamente da análise dos relatos de mulheres praticantes de crimes a respeito de suas identificações de gênero por entre práticas criminosas. A intenção constitui-se em perceber o universo de significados entoados em suas falas, discutindo, assim, questões de gênero que perpassam por esse contexto de ilicitude, especificamente o orgulho da vivência do ser mulher vivificado na prática de crimes em posição de liderança.

Palavras-chave: Mulheres praticantes de crimes. Liderança criminosa. Identidades de gênero.

Abstract: This article deals specifically with the analysis of reports of women offenders about their identifications of gender through crime. The intention is to go deeper in the universe of meanings intoned in their speech, bringing thus, to discussion, gender issues that underlie the illegality in this context, specifically, the pride of the experience of being a woman lived up to crime in leadership positions.

Keywords: Women offenders. Leadership criminal. Gender identities.

Introdução

O foco de análise deste artigo encontra-se nos relatos da vivência do ser mulher por entre construções de identidades de gênero vivificadas na prática de crimes realizados em posições de liderança.

Para a coleta de dados e realização deste estudo, foram contactadas mulheres jovens entre 18 e 29 anos de idade³, em situação de privação de liberdade, aguardando julgamento (as aqui chamadas de “mulheres presas”); e mulheres jovens entre 17 e 21 anos de idade⁴ em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto de liberdade assistida (as aqui chamadas de

¹ Este artigo é parte da Tese de Doutorado defendida no ano de 2012 no Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da UFPE, intitulada “Crime é 'coisa de mulher': identidades de gênero e identificações com a prática de crimes em posição de liderança entre mulheres jovens na cidade de Recife/PE.

² Psicóloga Clínica e especialista em Psicologia Social e da Personalidade pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE), mestre e doutora em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco (PPGA/UFPE), professora substituta do Departamento de Psicologia da UFPE; e-mail: lulucaribeiro@ig.com.br.

³ No que se refere às mulheres que cometem crimes a partir dos dezoito anos completos, suas ações são analisadas e julgadas a partir do Código Penal Brasileiro (CPB).

⁴ Segundo a lei 8.069, de 13 de julho de 1990 – Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) – quando uma(um) adolescente (dos 12 aos 17 anos e 11 meses) comete um ato infracional ela (e) pode receber uma sanção de cunho pedagógico, ou seja, uma medida socioeducativa (MSE) aplicada pela autoridade competente. As MSE podem ser privativas de liberdade em centros educacionais (internação ou semi-liberdade) ou em meio aberto (liberdade assistida e prestação de serviço à comunidade). Há ainda outras MSEs, são elas: obrigação de reparar o dano e a advertência. O cumprimento judicial destas por parte da(o) jovem pode ir até os 21 anos de idade.

“mulheres em liberdade”), todas praticantes de crimes⁵ em posições de liderança.

Na tentativa de compreensão e análise de seus relatos, busco aprofundar reflexões a respeito de identidades de gênero a partir de bases teóricas antropológicas e feministas, vistas principalmente com o aporte teórico de Henrietta Moore (2000) e Miriam Abramovay (2010).

Identidades femininas estampadas em uma agenda de bonequinha

Olha lá a agenda dela! Tão feminina! A frase dita por uma das jovens em liberdade, entre risos e tom de deboche, marcou meu primeiro encontro com Anita⁶, em julho de 2010. Após algumas horas conversando e circulando pela cidade do Recife, por entre ruas e vielas de favelas cotidianamente frequentadas pela garota, saquei minha agenda para marcar nosso próximo encontro. Uma pequena agenda vermelha com uma bonequinha na capa, usando um curto vestido preto enfeitado com um coração cor de rosa e uma pulseira de bolinhas. E, ao fundo, estrelinhas a colorir o “feminino” desenho.

Após o debochado comentário da interlocutora, iniciei um processo de observação atenta ao que estava sendo dito e de como isso poderia dizer não só de mim, que pratico atitudes não submissas e não condizentes com uma feminilidade culturalmente instituída e estampada numa agenda de bonequinha, mas, mais ainda, aquela observação de Anita falava também das jovens interlocutoras que eu estava a pesquisar, na procura por definir suas identificações de gênero por entre práticas criminosas em posições de liderança.

O ser “feminina” presente na fala de Anita evidencia a existência de diferentes vozes sociais demarcadas pelas conexões entre os conceitos de gênero e as identidades construídas por semelhanças e/ou diferenças entre o ser feminino e o ser masculino. Vozes alicerçadas em tradicionais concepções culturais do ser mulher: delicadeza, submissão, retraimento, passividade, maternidade, etc. (COLLING, 2004; BORGES & CASTRO, 2007; ABRAMOVAY, 2010); acrescidas a outras vozes que vão em direção a concepções e elementos não tradicionais do ser mulher, demarcadas pelas

⁵ Pontuo que o termo “crime”, terminologicamente, em minha escrita, estará referenciando e englobando o termo “infração”. Este último é utilizado nos discursos jurídicos para referenciar especificamente a prática ilícita realizada por jovens menores de dezoito anos.

⁶ Com o objetivo de preservar o anonimato das interlocutoras, todas as informações referentes a nomes, locais, vítimas, e situações de criminalidade estão alteradas na tentativa de resguardar a elas o direito de não produzirem provas contra si mesmas ao concordarem em participar deste estudo. Eu, enquanto pesquisadora social, assumi um compromisso ético de não divulgar informações ou declarações obtidas que pudessem ser vinculadas às identidades das interlocutoras. Bem como, este artigo não se constitui na denúncia de mulheres praticantes de crimes. Meu compromisso é com a produção científica de análises socialmente relevantes por meio de reflexões e resultados obtidos durante minha incursão etnográfica no universo dos significados das mulheres praticantes de crimes com quem mantive contato. Aqui, não interessam as verdades pré-discursivas, mas sim, os usos e os efeitos produzidos no jogo dialógico entre pesquisadora e interlocutoras.

modernas significações da condição feminina, adquiridas e difundidas através das lutas feministas em prol da equidade de gênero: força, coragem, ousadia, liderança, esperteza, ambição, etc. (ARÁN, 2006; MOLINIER & WELZER-LANG, 2009).

A esse respeito, Abramovay (2010) relata a existência de padrões históricos hegemônicos que tradicionalmente associam o masculino ao uso de agressões físicas e ao exercício da autoridade e que criam a expectativa do homem enquanto possuidor de um roteiro performatizado em que as suas socializações passarão pelo exercício de ações agressivas que contribuam para a afirmação de sua capacidade de desafiar e enfrentar. Por outro lado, da mulher, aquela possuidora de uma natureza essencialmente suave e meiga, é esperada uma expressão afetiva que excluiria manifestações de raiva, revolta ou uso da violência contra os demais. Um binarismo que contrapõe “homens violentos” e “mulheres não violentas” (ABRAMOVAY, 2010, p.50), e que reproduz estereótipos, negligenciando a fluidez como possibilidade de característica identitária.

Mulheres autoras de violência, complementa Abramovay, não necessariamente são masculinas no sentido da busca por uma identidade de gênero não feminina (no sentido tradicional do termo): “há reinvenções e trânsitos, dando lugar a outras (novas) feminilidades” (2010, p. 53). Nesses “novos estilos” de feminilidades, segundo a autora, não há, necessariamente, o movimento de ir contra todos os papéis femininos tradicionais, contudo, há uma combinação de discursos e práticas típicas e atípicas da noção tradicional do “ser feminina”. O que vemos na prática das identificações de gênero é a presença constante de negociações entre novas e velhas vozes sociais demarcadas pelas mudanças e transformações da vida social e familiar.

Entre as interlocutoras deste estudo, o que se percebe, a partir de seus relatos, é que existem diversas formas possíveis, tradicionais e não tradicionais, de ser feminina, que são preenchidas por representações e práticas sociais possibilitadoras de outras escolhas identitárias. Essas escolhas passam a fazer parte de suas identidades a partir de seus interesses, contextos, identificações e necessidades. A esse respeito, Camilla, uma das interlocutoras presas, afirma:

Eu me acho uma mulher feminina, me comporto como mulher, sei ser delicada quando quero e não sou parecida com um homem. Sei que sou uma mulher diferente. Sou uma mulher disposta a tudo, muito mais que um homem. Nunca quis ser igual a eles. (Trecho de notas de campo a partir da entrevista com Camilla – interlocutora presa – realizada individualmente, em setembro de 2010).

Em seu relato, Camilla se apresenta como uma “mulher feminina”. A jovem presa lança a ideia de não se achar semelhante ao homem, nem desejar sê-lo. Mas, ao mesmo tempo, define-se como um feminino diferente da noção representada na fala de Anita (a jovem em liberdade), que apenas se movimenta numa repulsa inicial ao feminino tradicional. Camilla destaca que é uma mulher diferente, “muito mais que um homem”, que está “disposta a tudo”. Ao mesmo tempo em que nega uma igualdade com o masculino, Camilla identifica-se, não só como diferente do feminino tradicional, mas também, como melhor que o homem, e acaba por tornar-se objeto de referência para a representação de si mesma (diferente e melhor).

Assim, os relatos das jovens Anita e Camilla destacam os conceitos de identidade, diferença e polaridade como pontos chaves para aprofundarmos o debate a respeito das interrelações entre as construções das identidades de gênero e as diferentes e novas identificações com o mundo do crime entre mulheres atuantes na criminalidade.

Anne Campbell (1999), em sua investigação a respeito de gangues femininas, aponta elementos importantes para a compreensão das construções identitárias de gênero nesse contexto. A autora afirma que o processo de formação de identidade não se dá essencialmente por meio de afirmações, mas de negações. Ou seja, ao negar identidades masculinas ou identidades tradicionalmente atribuídas ao feminino, as mulheres praticantes de crimes constroem sua própria compreensão do ser feminina dentro do contexto de uma criminalidade desempenhada em posição de liderança. Ao comparar as falas de Anita e Camilla, o que se observa na fala da interlocutora presa é uma articulação e uma compreensão maior no momento de definição a respeito de suas identificações de gênero (nega-se a posse de características de um feminino tradicional e também uma possível identificação com um masculino tradicional, porém, afirma-se como um feminino melhor que o homem). Enquanto que, na fala da interlocutora em liberdade, esta se movimenta apenas no sentido de negar uma característica ligada a um feminino tradicional: a delicadeza.

Porém, como ressalta Campbell, essa negação não se dirige a uma rejeição de todos os aspectos ou elementos de uma identidade tradicional de gênero. Como exemplo, lembro-me de um encontro posterior com Anita, a jovem em liberdade que riu de mim diante de minha “feminilidade” estampada em uma agenda de bonequinha. Ela conta de modo eufórico que ao passar na rua de sua casa, com sua filha, escutou alguns homens moradores da comunidade dizendo em tom de admiração: *olha lá, ela é 'errada', mas sabe se arrumar e cuidar da filha*. Aqui, Anita retoma sua valorização pela posse de algumas características de uma feminilidade mais tradicional e que parecem lhe causar orgulho.

A afirmação dos moradores a respeito de Anita remete a uma convicção da compreensão do ser mulher baseada na diferenciação a partir de discursos tradicionais de gênero e suas categorizações. Nesta, o ser mulher e o ser criminosa constituem-se como coisas opostas – construção conceitual realizada pelas diferenças entre feminilidades e masculinidades, quando relacionados à criminalidade. Cuidar da prole e da aparência física, ou mesmo, ter uma agenda de bonequinha, demonstram ser categorias destacadas como tradicionalmente femininas e que se apresentam como destoantes de práticas criminosas em posições de liderança.

O ser “errada” ganha, na fala dos moradores, uma conotação de alguém que pratica algo feio, desviante e reprovado socialmente, reforçando a crença moral polarizada de que não há condutas positivas possíveis de serem identificadas em quem faz algo de “errado”. E, em se tratando de uma criminalidade operada por uma mulher, essa conotação moral ganha ainda mais espaço, alicerçada por concepções de gênero hierarquizantes (submissão, passividade e fragilidade), positivadas para definir a identidade feminina.

Portanto, por mais que se apresentem, em um primeiro momento, no sentido oposto ao comportamento feminino (tradicional) ou ao dito masculino, as mulheres jovens praticantes de crimes demonstram não abandonar por completo suas concepções e processos identificatórios baseados em diferenças e negações, mas também, em semelhanças e afirmações orgulhosas, assumindo outras condutas sem direcionar suas identidades para aproximações com posturas masculinizadas e/ou um possível abandono de suas feminilidades.

O orgulho do ser mulher por entre práticas criminosas

A seguir, outras duas interlocutoras presas apresentam em suas falas comparações e identificações de gênero realizadas a partir de seus empreendimentos ilícitos. Elas destacam movimentos de afirmação identitária feminina semelhantes aos desempenhados pelas interlocutoras Anita e Camilla:

Não tenho nada parecido com um homem. Tem muita mulher por aí fazendo crimes tanto quanto os homens. A diferença é que os homens são pegos bem mais fácil, eles não sabem fazer bem feito, são mais amostrados, não sabem fazer e ficar na deles feito a gente faz, saem falando e comprando um monte de coisas que acaba chamando atenção! (Trecho de notas de campo a partir da entrevista com Michele – interlocutora presa – realizada individualmente, em setembro de 2010).

Eu me acho totalmente diferente de um homem. Mulher é mais cuidadosa, homem é muito amostrado, acaba caindo mais fácil. Num sabem planejar as coisas e serem discretos, feito nós, querem logo pegar o dinheiro, se amostrar, gastar e aparecer. (Trecho de notas de campo a partir da entrevista com Ana Paula – interlocutora presa – realizada individualmente, em setembro de 2010).

Na tentativa de destacar diferenças de gênero, as falas das interlocutoras a respeito das práticas criminosas femininas e masculinas apontam algumas características como atributos diferenciados e essencialmente femininos dos empreendimentos criminosos realizados por elas, enquanto os homens são considerados “amostrados” e menos inteligentes no planejamento das ações ilícitas. São falas que negam semelhanças ao comportamento masculino, colocando-o como inferior, e criam uma identidade própria de mulher bandida. O que se destaca em seus relatos é que esses atributos femininos de uma criminalidade realizada em posição de liderança, e supostamente diferente da masculina, surgem para definir práticas criminosas em um contexto não tradicional de atuação feminina, e em muito podem se assemelhar a definições femininas tradicionais de comportamento (discrição e cautela).

A vivência do ser mulher e, ao mesmo tempo, ser criminosa cria para essas mulheres a convicção identitária de que saber ser discreta é uma condição inerente à boa criminosa: estas se apresentam ainda com traços de esperteza e de astúcia, mais que os homens, aqueles que “se amostram” e “não sabem ser discretos” e “acabam caindo mais fácil” que as mulheres. Assim sendo, ao mesmo tempo em que se nega um masculino que “não sabe fazer bem feito”, posicionando-o como inferior e apontando-lhe fraquezas (indiscretos e “amostrados”), em contrapartida, mostra-se um desejo por realizar práticas criminosas socialmente atribuídas aos homens, porém, adotando traços femininos próprios (esperteza, discrição e cautela).

James Messerschmidt (1999) discute o papel assumido pelas gangues femininas e as interações de gênero. O sociólogo critica possíveis análises tendenciosas que se repetem nas estereótipias de gênero e que tendem a analisar os comportamentos das mulheres criminosas a partir da ótica de tentativas de se aproximar de uma masculinidade tradicional. Messerschmidt afirma que os atos ilegais e mesmo as violências cometidas pelas mulheres correspondem às tentativas destas se distanciarem de feminilidades tradicionais e de construir feminilidades específicas. Assim sendo, as interlocutoras deste estudo evidenciam um modo específico que considere presente, em maior ou menor grau, entre a maioria das mulheres jovens contactadas. Elas fazem uma inversão nas identidades de gênero costumeiras,

exacerbando características femininas que as ajudam nas atividades criminosas e menosprezando traços masculinos e/ou femininos que as atrapalhariam em tais empreendimentos. Logo, as práticas ilícitas femininas, nesse contexto, adquirem definições e contornos característicos de uma identificação em que novas construções do ser mulher são fundadas em antigas práticas ressignificadas por construções sociais contemporâneas de relações de gênero.

No processo de criação de novos discursos de gênero a edificar feminilidades específicas, as falas das interlocutoras acabam, em alguns momentos, por se colocar em definições identitárias reforçadoras de oposições de gênero, como nos dois relatos abaixo:

Tem mulher tirando onda em todo canto. No tráfico mesmo eu já caí umas cinco vezes. Tem muita mulher no tráfico e na gerência mesmo, comandando, com a mão no dinheiro e dando tapa em homem que não obedece às ordens dela. É massa mulher assim e todo mundo respeita. (Trecho de notas de campo a partir da entrevista com Michele – interlocutora presa – realizada individualmente, em setembro de 2010).

Mulher rocheda anda armada, tem coragem e mete parada, faz as coisas na entoca sem esbanjar. Homens geralmente não usam a inteligência, agem por impulso, não pensam, não planejam e ficam esbanjando a grana por aí (Trecho de notas de campo a partir da entrevista com Cyntia – interlocutora presa – realizada individualmente, em novembro de 2010).

Nos relatos, as identificações de gênero são baseadas em comparações dos comportamentos criminosos de homens e mulheres, nos quais suas identidades femininas desviantes são definidas a partir de similaridades e/ou diferenciações do modelo masculino de criminalidade em tons de disputa e de tentativas de provar competências, decidindo quem é melhor no fazer criminal. Porém, apesar da exaltação comparativa do saber fazer a mesma coisa que os homens “tirando onda em todo canto”, de forma diferente e melhor (porque eles são menos espertos e menos valentes que elas); e, por vezes, que as interlocutoras se utilizem de uma linguagem polarizada para falar de suas práticas criminosas; é o orgulho do ser mulher que novamente se destaca em seus relatos a valorizar as mulheres bandidas poderosas (as “rochedas”) que elas acreditam/defendem que são. Pois que, andar armada, ter dinheiro, dar tapa em homem que não a obedece e ter coragem para praticar atividades criminosas são características definidoras dos processos de identificação de gênero específicos e adquiridos por essas mulheres.

Para compreender os processos identificatórios aqui expostos, é

importante destacar o caminho percorrido pelas perspectivas teóricas sobre gênero que o compreendem como fazendo parte da vida social e como algo construído ativa, contínua e performaticamente. Segundo a antropóloga feminista Henrietta Moore (2000), a identidade de gênero não é uma identidade passiva, adquirida apenas pela socialização e pelo reconhecimento externo, ela é construída, vivida e representada, levando em conta os seus determinantes conscientes, inconscientes e socioculturais presentes nos discursos e nas práticas de gênero. Portanto, a partir das interações, negações e identificações, os discursos são negociados e ressignificados – o “gênero enquanto vivido” e o “gênero enquanto construído” acaba por dar novos contornos às identidades femininas e determina novas práticas discursivas a respeito do ser mulher e do ser criminosa.

Os discursos e práticas de gênero apresentam-se como categorias que produzem homens e mulheres marcados por gênero, pessoas definidas pela diferença – resultado da interação das diversas significações e representações que fazem surgir os efeitos discursivos produtores da própria diferença de gênero, suas categorizações e práticas. Moore disserta que existe uma relação entre discurso e dominação que tem a ver com as ordenações hierarquizadas do mundo. Os discursos ordenam o mundo, estabelecem prioridades, podem excluir ou incluir, e as falas das mulheres praticantes de crimes não escapam a essa matriz hierarquizada e/ou dominante. Dessa forma, existe a necessidade de reconhecermos os diferentes modos em que as categorias “mulher” e “homem” podem surgir em suas falas.

Os discursos que empregam essas categorias são marcados pela produção e reprodução das noções e construções de pessoas, e um dos processos mais difíceis de captar, no que se refere à construção de sujeitos marcados por gênero, é “como as representações sociais do gênero afetam as construções subjetivas, e como a representação e/ou auto-reapresentação subjetiva do gênero afeta sua construção social” (MOORE, 2000, p.21). Consequentemente, a categoria simbólica de ser mulher praticante de crimes e a diferença inscrita nela possui relações com as representações, identificações, auto-representações, discursos e práticas cotidianas vividas e construídas.

Porém, a estudiosa Josênia Vieira (2005) lembra que a identidade da pessoa, homem ou mulher, não pode ser vista exclusivamente por limites predefinidos pelo gênero. A identidade é aberta, incompleta, híbrida e inconstante, adotando traços pessoais, culturais e contextuais que se confundem com sua própria história. Assim, se olharmos a heterogeneidade da perspectiva da identidade das mulheres pesquisadas, seus relatos apresentam-se como lugares privilegiados para negociações entre diferenças e semelhanças que formam e transformam os discursos de gênero.

As falas a seguir são de interlocutoras (presas e em liberdade), e também apresentam tentativas de delinear uma feminilidade específica a definir seus fazeres na criminalidade. Destaque para a última fala, que pertence a Anita (interlocutora em liberdade citada no início deste debate):

Só me acho parecida com os homens nos crimes, sei que o que eu faço, poucas mulheres fazem. Mas, me acho totalmente diferente de um homem. A maioria dos homens são mais frouxos que eu, por isso que sempre me chamam pra meter as paradas com eles. Sou boa no que faço, muito mais do que eles (Trecho de notas de campo a partir da entrevista com Nathália – interlocutora presa – realizada individualmente, em dezembro de 2010).

Sei que tenho algumas atitudes que são reconhecidas pelas pessoas como masculinas, mas não me acho aquele tipo de mulher macho. Sei fazer tudo que um homem faz, me viro em tudo dentro e fora de casa, conserto coisas e sou mesmo melhor que muito homem que manda outro carinha vir consertar algo em sua casa e ele fica lá vendo sua mulher toda gostosinha de babydoll. Eu que num vou deixar ninguém ficar olhando minha mulher, eu mesmo vou lá e conserto. A mesma coisa é no crime, vou lá e faço, do meu jeito, que é muito melhor que o deles! (Trecho de notas de campo a partir da entrevista com Elaine – interlocutora presa – realizada individualmente, em novembro de 2010).

O ruim de ser mulher é ter que arrumar a casa, é menstruar, é ter TPM (tensão pré-menstrual) e sofrer preconceito, porque ainda acham que a gente é menos capaz que um homem. O bom de ser mulher é que a gente é mais inteligente e capaz que eles, mas sempre tem umas vacilonas por aí que não sabem ou não querem saber disso”. (Trecho de notas de campo a partir da entrevista com Anita – interlocutora em liberdade – realizada individualmente, em julho de 2010).

Novamente, o orgulho do ser mulher apresenta-se forte nos relatos das jovens interlocutoras. Nathália, Elaine e, novamente, Anita se colocam como superiores não só a eles (os homens), porque “do jeito delas é muito melhor”, apresentando a ideia do “homem frouxo”, atribuindo-lhe fraquezas e realizando inversões nas costumeiras compreensões das identidades de gênero, mas também às mulheres (outras mulheres), “umas vacilonas por aí”, como descreve Anita, aquelas que permanecem reproduzindo uma identidade feminina tradicional de submissão e passividade e que não reconhecem outras posturas possíveis. É interessante destacar que a última fala pertence à interlocutora em liberdade Anita. Nesta, ela explicita melhor seu entendimento das diferentes formas e aspectos possíveis de se comportar como mulher, sendo

visível seu movimento em direção a uma afirmação identitária feminina específica, ilustradas através do “bom de ser mulher...”.

Por fim, a fala da interlocutora Juliana, apresentada a seguir, ilustra bem esse discurso de gênero, definindo uma identidade feminina específica, vivida e construída na criminalidade:

Eu acho que os homens que fazem o que eu fiz, estão mais preocupados em ter coisas modernas, aparelhos eletrônicos da última moda, celulares e tal. Já as mulheres querem ajeitar a casa e melhorar a condição da família, porque a gente se preocupa em cuidar de todo mundo que a gente ama. Não é porque a gente é bandida que vai esquecer essas coisas. Ah, mas é claro que a gente também quer se divertir por aí, viajar e ir pra balada, porque a gente gosta do que faz, faz bem feito e sabe ser discreta na hora de gastar o que faturou na bandidagem (Trecho de notas de campo a partir da entrevista com Juliana – interlocutora presa – realizada individualmente, em outubro de 2010).

Na afirmação – “porque a gente se preocupa em cuidar de todo mundo que a gente ama” – a jovem demarca e reforça a posse de uma feminilidade tradicional, esperada e admirada socialmente (amor e cuidado familiar). Mas, ao mesmo tempo, incorpora também como suas, outras formas não habituais de ser mulher – “porque a gente gosta do que faz, faz bem feito e sabe ser discreta na hora de gastar o que faturou na bandidagem”. Destaque para o prazer e a esperteza feminina nas práticas ilícitas e também na utilização do espaço da rua para se divertir, que muito diz a respeito de uma crença baseada em identidades femininas criminosas específicas, perpassando aqui, neste contexto, por entre atitudes tradicionais e não tradicionais que possibilitam o orgulho de ser mulher por entre práticas lícitas e ilícitas.

O aspecto discursivo, já destacado nas falas anteriores, ganha agora, de maneira ainda mais explícita, o trato da identidade de mulheres praticantes de crimes em posição de liderança a partir da posse conjunta de alguns atributos femininos tradicionais e outros não tão tradicionais assim. Assim, a fluidez é pontuada e valorizada como perspectiva de análise para uma compreensão dos discursos de gênero de forma menos hierarquizante.

Considerações finais

Argumentando a favor de uma antropologia da subjetividade de base cultural, pontuo que os discursos constroem os sujeitos e as posições destes, sendo possível propor questões sobre a formação cultural das subjetividades dentro de um mundo de complexas subjetividades pessoais existentes dentro

deste. Dessa forma, o que se quer aqui não é minimizar a questão da dualidade de gênero presente nas falas e comportamentos das mulheres praticantes de crimes, mas sim, a intenção é olhar para elas e para além do que é dito, compreendendo essas mulheres como sujeitos complexos em busca de significados específicos de gênero (vividos e construídos) e que evidenciam elementos importantes de suas escolhas identitárias.

Referências

ABRAMOVAY, Miriam. (Org.) **Gangues, gênero e juventudes**: donas de rocha e sujeitos cabulosos. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos – SDH, 2010.

ARÁN, Márcia. **O avesso do avesso**: feminilidade e novas formas de subjetivação. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

BORGES, Ângela; CASTRO, Mary Garcia (Orgs.). **Família, gênero e gerações**: desafios para as políticas sociais. São Paulo: Paulinas, 2007.

CAMPBELL, Anne. *Self definition by rejection: the case of gang girls*. In: CHESNEY-LIND, Meda; HAGEDORN, John. **Female gangs in America**. Chicago: Lake Press View, 1999.

COLLING, Ana. *A construção histórica do feminino e do masculino*. In: STREY, Marlene N.; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise R. (Orgs.). **Gênero e cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: Edipucrs, 2004. (Coleção Gênero e Contemporaneidade)

MESSERSCHMIDT, James. *From Patriarchy to Gender*. In: CHESNEY-LIND, Meda; HAGEDORN, John. **Female gangs in América**. Chicago: Lake Press View, 1999.

MOLINIER, Pascale; WELZER-LANG, Daniel. *Feminilidade, masculinidade, virilidade*. In: HIRATA, Helena et al. (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. São Paulo: Unesp, 2009.

MOORE, Henrietta. *A Passion for difference. Essays in Anthropology and gender*. Bloomington e Indianápolis: Indiana University Press, pp.49-70, 1994. Tradução DENTZIEN, Plínio; Revisão: PISCITELLI, Adriana. “Fantasias de poder e fantasias de identidade: gênero, raça e violência”. In: **Cadernos Pagu**. v.14, pp.13-44, 2000. Disponível em: <www.unicamp.br/pagu/cad14/n14a02.pdf>. Acesso em: 02 fev. 2010.

OLIVEIRA, Luciana R. de. **Crime é “coisa de mulher”**: identidades de gênero e identificações com a prática de crimes em posição de liderança entre mulheres jovens na cidade de Recife/PE. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2012.

VIEIRA, Josênia Antunes. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA**: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. São Paulo, v. 21, nº especial, p. 207-238, 2005.



Recebido em: 08/05/2012
Aprovado em: 22/05/2012

Para referenciar este texto:

OLIVEIRA, Luciana Ribeiro de. “Porque a gente gosta do que faz e faz bem feito”: identidades femininas estampadas em uma agenda de bonequinha e o orgulho do ser mulher por entre práticas criminosas. **Lumen**, Recife, v. 21, n.1, p. 21-32, jan./jun.2012.